



Atentar aos “transparentes” multiespécies: notas sobre o filme angolano *Ar Condicionado*

Priscila Fazio Rabelo[1]

RESUMO: Neste ensaio busco abordar as potencialidades reflexivas presentes no longa metragem angolano *Ar Condicionado* (2020) a partir de uma perspectiva multiespécie. Diante do cenário catastrófico atual de mudanças climáticas, desmatamento da biosfera e poluição do ar, a obra cinematográfica se apresenta como campo fértil para uma pluralidade de questões interligadas, como o “legado” da colonização e do capitalismo, as desigualdades sociais e políticas, o resgate das memórias perdidas na guerra civil e a presença ou ausência do Ar, das árvores, das plantas. A relevância da obra não se limita ao território angolano, visto que as questões apresentadas são reflexos de um projeto político da economia global capitalista que tende a estrangular territórios, biomas e ecossistemas. Ademais, procuro pontuar como as estratégias de alianças multiespécies são cruciais na luta pela restauração de biomas degradados e na consolidação da justiça climática e multiespécie.

PALAVRAS-CHAVE: Multiespécie. Ar. Florestas.

Attention to the “transparent” multispecies: Notes on the Angolan film *Ar Condicionado*

ABSTRACT OU RESUMEN: In this essay I seek to approach the reflexive potentialities present in the Angolan feature film *Ar Condicionado* (2020) from a multispecies perspective. Faced with the current catastrophic scenario of climate change, deforestation of the biosphere and air pollution, the cinematographic work presents itself as a fertile field for a plurality of interconnected issues, such as the “legacy” of colonization and capitalism, social and political inequalities, the rescue of memories lost in the civil war and the presence or absence of Air, trees, plants. The relevance of the work is not limited to the Angolan territory, since the issues presented are reflections of a political project of the capitalist global economy that tends to strangle territories, biomes and ecosystems.



Furthermore, I try to point out how the strategies of multispecies alliances are crucial in the fight for the restoration of degraded biomes and in the consolidation of climate and multispecies justice.

KEYWORDS OU PALABRAS CLAVE: Multispecies. Air. Forests.

No começo de 2022, imersa no isolamento provocado pela pandemia da Covid-19, me permiti, entre as exigências do mestrado, assistir um filme. Entre as opções, escolhi o longa-metragem de ficção angolano *Ar condicionado* produzido pelo coletivo Geração 80 e dirigido por Fradique (Mário Bastos) com trilha sonora original de Aline Frazão. Coincidentemente, assisti o filme em um momento de “virada epistemológica” da minha pesquisa sobre os impactos da Pandemia da Covid-19 em comunidades rurais, no Litoral Sul da Paraíba. Essa virada foi marcada, sobretudo, a partir dos estudos multiespécies. Logo, elementos antes ignorados pela pesquisa passam a ganhar protagonismo. Como bem lembra Anna Tsing (2021, p. 185), seres mais-que-humanos ou não humanos tem feito história assim como nós.

Neste ensaio, busco transmitir como o contato com o filme viabilizou questões que só foram possíveis a partir de uma perspectiva multiespécie. A começar pelo próprio ciclo do ar, sua relação com as florestas e, posteriormente, com o ciclo da água. Em um segundo momento, sustento que o filme pode ser lido como um importante recurso para pensar na relação entre o passado e as “urgências do presente”, como por exemplo, o aquecimento global e as mudanças climáticas, e nos indicar pistas para desacelerar o “progresso” e criar refúgios que garantam a habitabilidade no Sistema-Terra.

Antes de abordar o percurso acima, é importante contextualizar o próprio filme. *Ar Condicionado* é um longa-metragem (72 min) de ficção angolana, que teve sua estreia em 2020 no Festival Internacional de Rotterdam. O filme narra a jornada de Matacedo (José Kiteculo), guarda de um prédio e também ex-combatente de guerra, e Zezinha (Filomena Manuel), empregada doméstica, que partem em uma missão para recuperar o ar-condicionado do chefe, em um contexto em que os ares-condicionados estão caindo misteriosamente dos prédios em Luanda, capital da Angola. O percurso de Matacedo é marcado por uma espécie de realismo mágico que o leva até a loja de materiais elétricos de Kota Mino (David Caracol), que partilha seu segredo com Matacedo e Zezinha sobre a construção de uma máquina capaz de recuperar memórias. Segundo o *press kit* produzido pela Geração 80, o filme “é uma jornada de mistério e realidade, uma crítica sobre classes sociais e



como nós vivemos em conjunto nas esperanças verticais, no coração de uma cidade que é passado-presente-futuro” (GERAÇÃO 80, 2020, s/p).

Embora o filme aparente focar na trajetória e perspectiva, principalmente, de Matacedo, em nota, Fradique afirma que o filme é, sobretudo, dos prédios e de todos “os transparentes” que mantem a cidade viva.

Nos prédios, cada um sonha a casa que quer, cada um luta pela memória que não tem. Nos prédios, os elevadores são feitos de tijolos e nas paredes crescem árvores - o nosso neo-realismo é mágico. Espero agora que o filme se junte ao ares-condicionados caídos e faça parte da memória viva desta cidade (GERAÇÃO 80, 2020, s/p).

Ar condicionado é um filme essencialmente urbano, filmado na região central de Luanda, onde as cenas se intercalam entre a concretude das ruas e o interior dos prédios. É possível observar entre as cenas a presença contrastante de arranha-céus modernos e de prédios antigos, onde se desenvolve a trama, construídos na década de 50 ainda sob regime colonial português (que perdurou até novembro de 1975). Apesar de Fradique afirmar que o filme atenta principalmente aos “transparentes” humanos, ou seja, as pessoas que são invisibilizadas, mas que participam ativamente das atividades cotidianas, proponho aqui atentar a um outro elemento “transparente” que atravessa toda a produção cinematográfica: o Ar.

O próprio filme inicia com as definições de *ar*, *condicionar* e *ar-condicionado*. Ar, portanto, é definido enquanto: “fluido que envolve a Terra”; “o fluido que respiramos”; “vento, aragem” etc. Enquanto condicionar é definido como: “tornar dependente de uma condição” ou ainda “por condições a”; “acondicionar”. Já ar-condicionado é definido como: aparelho ou sistema que regula o aquecimento ou a refrigeração de um ambiente. Segundo Carmem Secco (2021, p.678), *Ar Condicionado*, sem hífen, possibilita uma multiplicidade de interpretações “instaurando enriquecedora polissemia cinematográfica, que tanto abrange questões culturais e políticas, como percepções poéticas em relação à vida e à existência”. Dentre essas interpretações, gostaria de atentar a definição de Ar.

O ar, para além de um elemento que envolve nosso planeta ou que respiramos, é um elemento vital e indispensável para manutenção da vida na Terra. É através dele que o clima pode ser equilibrado e por meio dele que a polinização das plantas acontece. Entre as substâncias gasosas que o compõem, estão o oxigênio (O₂), fundamental para a sobrevivência da grande maioria dos seres



vivos, o nitrogênio (N₂), elemento indispensável na produção de nutrientes entre os vegetais, o dióxido de carbono (CO₂), absorvido pelas plantas, transformado e devolvido para o ambiente na forma de oxigênio, além de outros gases nobres que ajudam a manter o ecossistema em equilíbrio. Importa dizer que, na época geológica do Antropoceno, o Ar também pode transportar partículas nocivas de poluição como a queima de combustíveis fósseis, a fuligem, os microplásticos e diversas enfermidades. A própria pandemia da Covid-19 ainda é um alerta de como o “desenvolvimento” e o “progresso” insistem em ser negligentes com esse elemento vital.

O Ar também não pode ser pensado sozinho, pois sua composição depende da relação com a terra, as plantas e a água. Seus gases são cíclicos e, por meio de uma variedade de processos, garantem a continuidade da existência multiespécie de seres orgânicos e abióticos. No ciclo do oxigênio, por exemplo, ao ser captado para garantir a respiração de seres vivos (plantas e animais), o oxigênio se entrelaça ao hidrogênio, produzindo moléculas de água. Nas plantas essa água é utilizada na fotossíntese. Nos animais é transpirada para o ambiente, fornecendo hidrogênio e oxigênio na formação da matéria orgânica. Na troposfera, o oxigênio absorve a radiação solar ultravioleta e produz a camada de ozônio.

Em relação ao ambiente terrestre (biosfera), a relação (ou comunicação) entre o ar e as florestas merecem destaque. Em tempos de degradação da biodiversidade, mudanças climáticas e aquecimento global, cuidar dos biomas e florestas torna-se central na garantia da continuidade da vida de inúmeras espécies. As árvores são capazes de absorver gases poluentes e eliminar metais como o chumbo e o ferro presentes no ar contaminado. A preservação e cultivo das florestas tem o poder de resfriar e alterar o aquecimento global. Como afirma a pesquisadora Susana Dias (2022, s/p):

As florestas geram um oceano verde terrestre capaz de produzir uma geografia das águas invertida, derramando aos céus rios voadores que, por sua vez, alimentam nascentes terrestres. E, deste modo, alimentam o sopro do mundo, fazendo rizoma com, literalmente, tudo que há de vivo na Terra. [...] E a relação com o clima não envolve apenas os aspectos hidrológicos. Árvores fazem corpo com os mundos. São as grandes guardiãs do carbono da atmosfera, uma tarefa fabulosa que, infelizmente, foi nomeada de “sequestro de carbono”, expressão que parece pouco ter afetado as gentes por aí afora.



Por outro lado, estamos ultrapassando os limites planetários e colocando em risco a capacidade de regeneração da Terra, visto que à medida que a temperatura terrestre aumenta todo o ciclo do sistema-Terra é afetado: regimes de chuva, a incidência de alagamentos, secas ou incêndios se tornam comuns e a perda da fertilidade do solo e extinção de espécies alteram todo o ecossistema. Importa frisar que esses eventos, comumente noticiados pela grande mídia como “desastres ambientais”, são em grande parte, como nos lembra a socióloga Saskia Sassen (2016, p.10), produtos da geopolítica da destruição operacionalizada pela brutalidade do capitalismo através do avanço dos aparatos tecnológicos em técnicas de mineração, fraturamento hidráulico ou ainda o uso ilimitado de agrotóxico no setor agropecuário. A autora destaca que a degradação da terra, a escassez hídrica e a depleção de oxigênio são fatos impossíveis de ignorar quando examinamos a mudança climática.

Voltando a produção cinematográfica e a composição dos cenários, chama atenção a expressiva ausência de árvores e outras plantas. As poucas plantas que aparecem no decorrer do longa-metragem podem ser observadas com muita atenção em algumas rachaduras e infiltrações de prédios. As plantas só ganham notoriedade em uma única cena: na loja do Kota Mino em torno de sua máquina de recuperar memórias. Antes disso, o percurso de Matacedo é permeado pelo caos, onde os meios de comunicação midiáticos sugerem atitudes individualizantes para evitar a morte ora pelo calor extremo, ora pela queda dos aparelhos suspensos. Uma dessas sugestões, por exemplo, é evitar andar em áreas de risco. Logo, para além da ausência de plantas, o filme aborda a ausência de ventos.

O vento, enquanto o Ar em movimento natural, atravessa toda a narrativa do filme. Aqui destaco uma passagem que conecta a sua relação com a memória e o desejo. Em uma das cenas, Zezinha partilha com Matacedo:

[...] Escuta, meu pai, antes de ir ao mar de manhã cedo, olhava pro mar, como se fosse essa caneca, à espera da temperatura certa. Ele dizia: ‘quem manda é o vento. Ele diz tudo, Zezinha’. Estou a falar dos ventos de verdade, não do vento dos ACs. Vento do mar. Da Kianda, deusa do mar” (*Ar Condicionado*, 2020, 5’:07” – 5’:56”).

Kianda, segundo a cosmogonia kimbundu é a deusa das águas, sereia banto. Todos os anos no mês de novembro, na cidade de Luanda, o povo angolano prepara um ritual de celebração à Kianda. Entre danças e banquetes, se realiza uma procissão até o mar onde fiéis depositam suas oferendas.



Para além da oralidade, a figura de Kianda é retratada em pinturas e romances populares. Secco (2022) recupera no romance *O Desejo de Kianda* de Pepetela (1995) elementos distópicos onde acontecimentos catastróficos acontecem em Luanda. Se no filme a distopia é marcada pela queda dos ares-condicionados, no romance de Pepetela são os próprios prédios que desabam criando um cenário em que as ruínas são as imagens catalizadoras. Segundo Secco, *O Desejo de Kianda* é uma alegoria de Angola independente, pós eleições presidenciais no início dos anos 1990 e recém ingressante na economia de mercado onde os sonhos libertários encontravam-se sob ruínas de uma guerra fratricida (Secco, 2021, p. 671).

Já Vanessa Teixeira (2018) afirma que este romance ilustra os impactos dos regimes culturais estrangeiros pela imposição de uma noção de homogeneidade, principalmente marcada pelo capitalismo neoliberal, que tende a concretar as narrativas ancestrais transmitidas pela oralidade. Nesse aspecto, gostaria de abordar a própria construção da história, a partir do que Fradique afirma ser Luanda uma cidade que é “presente-passado-futuro”. Para pensar essa tríade, retomo o conceito de História de Walter Benjamin (1940). Primeiro, porque como bem pontua Edvigis Ioris (2017), Benjamin repudia pretensões totalizantes, lineares, universais, perspectivada por vencedores. Segundo, porque a análise construída por Benjamin denuncia o autoritarismo e a violência dos discursos dominantes que se apresentam com a roupagem de progresso.

A antropóloga ressalta que Benjamin articula deslocamentos que vão na contramão de uma sequência linear de acontecimentos, em escalonada evolutiva rumo ao tempo futuro, ou seja, ele renega a visão tradicional de história pautada na conexão de nexos causais, que subordina o presente e o passado a uma meta de futuro. A autora pontua que o passado, para Benjamin, está presente nas ruínas, disperso entre fragmentos e estilhaços de algo que outrora foi inteiro. Ademais, acrescenta que o passado em Benjamin não é cristalizado, encerrado no momento anterior, mas é uma necessidade do presente.

Ioris defende que, a partir dessa perspectiva, a história é construída sob as urgências do presente e sob apropriações estratégicas de descontinuidades, sendo o tempo presente um momento crucial na recuperação do passado e na ruptura com a linearidade do tempo homogêneo. Essa ruptura permite recuperar o passado em relação dialógica com o presente. O filme é repleto dessas relações, seja na própria ênfase das narrativas orais das personagens, seja nas conversas telepáticas ou ainda quando dizem para Matacedo que ele e Zezinha estão sempre “falando com os mortos”. Já a materialização física dessa relação dialógica acontece justamente a partir da construção da máquina



de Kota Mino para recuperar memórias e lembrar da vida antes dos conflitos que marcaram Angola, como a guerra pela independência ou os mais de 30 anos de guerra civil que findaram somente no início dos anos 2000.

Nesse sentido, o filme reúne fragmentos de memórias e narrativas espalhados nas ruínas de Luanda e possibilita aos espectadores captarem essa tríade temporal. Mais do que isso, em tempos de Antropoceno, o filme evidencia como a arte e a tecnologia são importantes aliadas na reconstrução das memórias que se contrapõem a lógica colonizadora e possibilita imaginar outros modos de vida e outras conexões mais-que-humanas e não humanas.

Em termos de perspectivas, Kebengele Munanga (1993) ao pensar o futuro do continente africano diante do cenário catastrófico (de esbulho, espoliação e corrupção das elites nacionais, muito similar ao Brasil), afirma que se por um lado há a perspectiva, a curto prazo, da continuação da catástrofe, por outro, a longo prazo, a perspectiva é menos evidente, já que no processo de independência dos países africanos houve tanto o crescimento de forças sociais protagonizadas por jovens e mulheres, quanto o crescimento de uma cultura que assimila técnicas ocidentais e poderá dentro de algumas gerações recuperar o continente africano. O coletivo Geração 80 é um exemplo potente de protagonismo após três décadas de guerra civil angolana. O filme *Ar Condicionado*, para além de impactar com força e beleza, pode ser elementar para que espectadoras/es sejam sensibilizadas/os e passem a atentar o invisível, os “transparentes” multiespécies. Como bem lembra a artista e pesquisadora Leandra Lambert (2020, p.61):

A arte de fato não pode muito: pode imaginar alternativas, pode sensibilizar pessoas, afetar, provocar a reflexão, o incômodo, suscitar mudanças; este pouco não é desprezível, este pouco pode contaminar, deste pouco algo maior sempre pode crescer. Foi necessário a política na arte; torna-se necessário também a arte na política, arte no sentido de imaginar e dizer outros possíveis, de inventar e reconstruir novas formas de habitar e co-habitar. Este é um tempo de urgências, de fins, de desastres que anunciam limites ultrapassados e novos ápices de uma barbárie de um tipo peculiar, resultante da civilização tal como se instituiu.

A partir dessa perspectiva da história em tempos de paisagens catastróficas e de incertezas sobre o futuro, importa pensar como esses estilhaços de estórias podem ajudar nas estratégias para lidar com as “urgências do presente”. Como desacelerar, por exemplo, o colapso ecológico ou garantir o direito universal a respiração (Mbembe, 2020)?



Talvez um dos exemplos mais didáticos para pensar sobre as urgências do presente seja o conceito de “limites planetários seguros”. Em meado de 2009, um grupo de cientistas reuniram-se e propuseram nove limites planetários, os quais deveriam ser acatados rigorosamente, caso a humanidade desejasse garantir condições de sobrevivência. Os limites são: 1) Mudanças climáticas; 2) Perda da integridade da biosfera (perda de biodiversidade e extinção de espécies); 3) Destruição do ozônio estratosférico; 4) Acidificação dos oceanos; 5) Fluxos biogeoquímicos (ciclos do fósforo e do nitrogênio); 6) Mudança do sistema terrestre (por exemplo, o desmatamento); 7) Utilização da água doce; 8) Carga atmosférica de aerossóis (partículas microscópicas na atmosfera que afetam o clima e os organismos vivos) e 9) Introdução de novas entidades, por exemplo, poluentes orgânicos, materiais radioativos, nanomateriais, e microplásticos (Rockström et al., 2009).

Dito de outra forma, os limites planetários definem até onde o desenvolvimento humano pode ir sem tornar irreversível a capacidade do planeta regenerar-se. Will Steffen et al. (2015), em um estudo publicado na revista *Science* afirmaram que destes nove limites, quatro já haviam sido ultrapassados (mudanças climáticas, perda da integridade da biosfera, mudança do sistema terrestre e alteração dos ciclos do fósforo e do nitrogênio). Em janeiro de 2022, a pesquisadora Linn Persson afirmou que a poluição química ultrapassou a quinta fronteira planetária. Vale lembrar que “o planeta atua como entidade integrada e única, com interconexões em praticamente todas as áreas de risco” (Artaxo, 2014, p. 21).

No filme, os meios de comunicação noticiam a morte de pessoas tanto pela queda dos ares-condicionados, como pelo calor. A ausência de árvores no centro de Luanda sugere uma das causas possíveis. O desmatamento não só expulsou uma diversidade de espécies (animais e vegetais) daquele território, como também condicionou as pessoas a vivenciarem o aquecimento global em seus cotidianos. Entre os limites planetários, “As novas entidades” percorrem os espaços principalmente através dos ventos e das correntes marítimas, incluindo os grandes giros oceânicos. Transportam toneladas de plásticos para lugares remotos e sensíveis ecologicamente. Quando fragmentados, na condição de microplástico podem chegar nos aquíferos e rios, entrar na cadeia alimentar de animais marinhos e afetar na produtividade de cianobactérias e fitoplâncton. Plásticos flutuantes podem transportar espécies invasoras por enormes distâncias e causar impactos ambientais irreversíveis. Já em relação a espécie humana, estudos recentes identificaram microplástico em fetos humanos (Ragusa et al., 2021), isso significa dizer que esse modelo de desenvolvimento tem condenado nossas crianças antes mesmo delas nascerem.



Escolho o plástico como exemplo dentre as “novas entidades”, porque esse material de recente produção (início do século XX) está presente em cerca de 40% da produção atual de mercadorias. “E as projeções indicam que, se o ritmo de crescimento não for contido, o mundo terá que acomodar cerca de 550 milhões de toneladas do material em 2030” (Vasconcelos, 2019, s/p). Também porque compreendo o material plástico, principalmente nos espaços urbanos como “transparentes”, apesar de atravessar o nosso cotidiano, é descartado facilmente sem que haja qualquer política ambiental efetiva. O plástico é utilizado aqui como exemplo porque ilustra a conexão com outros elementos preocupantes dentro dos limites planetários, mas também porque, como mercadoria produzida no sistema capitalista, está presente, para além do cotidiano das pessoas, em crescimento exponencial na vida de animais e de ecossistemas.

Outro elemento que o filme sugere abordar e que também interfere em mais de um limite planetário são os chamados gases hidrofluorcarbonos (HFC). Isso porque refrigeradores e ar-condicionados liberam estes gases na atmosfera e aumentam expressivamente a poluição do ar (inclusive, mais do que o dióxido de carbono) causando danos à camada de ozônio e, conseqüentemente, aumentando a temperatura do planeta. Lucas Davis e Paul Gertler (2015) demonstram que até 2100 o total de casas com ar-condicionado deve subir de 13% para 70%, o que implica não só nos milhões de toneladas de emissão de gases nocivos, como também no aumento de energia elétrica e, conseqüentemente na demanda de produção energética, construção de usinas nucleares e hidrelétricas.

Em 2021, a Organização Mundial de Saúde, afirmou que 90% da população mundial respira pelo menos um agente poluente grave. O relatório ainda destaca a média de mortes mundiais por poluição atmosférica (cerca de 7 milhões de pessoas por ano) e o aumento de doenças respiratórias, cardiovasculares e derrames cerebrais. O relatório chama atenção para as regiões mais afetadas (Sul Global) e grupos de riscos (gestantes, crianças, idosos e portadores de doenças crônicas). Em 2016, por exemplo, Angola foi considerada o país lusófono com maior número de pessoas mortas por intoxicação de poluentes no ar, em média 50 por 100 mil habitantes. (WHO, 2021; 2016).

Apesar de Angola estar do outro lado do atlântico, não estamos distantes. O povo e a cultura de Angola estão presente no nosso território desde que europeus os raptaram e os transportaram nos navios negreiros a fim de comercializar suas vidas como mercadorias. Muitos dos que chegaram eram da civilização Banto (fortemente presente na região angolana), tanto em território africano quanto brasileiro partilharam sua ancestralidade, influenciando na construção da nossa linguagem,



na nossa alimentação, nas nossas crenças e modos de vida. Angola e Brasil foram vítimas dos mesmos algozes, ambos foram colonizados pela Coroa Portuguesa, nos dias atuais compartilham da fragilidade democrática, ademais, ambos são territórios abundantes em elementos naturais. Se a primeira floresta mais extensa do planeta (Floresta Amazônica), se encontra no Brasil, a segunda maior (Floresta Mayombe) se encontra em Angola. Sendo assim, arrisco imaginar que com tanta similaridade, possamos também compartilhar estratégias de lutas para assegurar a habitabilidade e romper com os ciclos do capitalismo que há mais 500 anos tem conduzido o planeta à morte.

Acredito que uma possível força-tarefa, como norteiam os estudos multiespécies, é de cunho epistemológico, político e ético capaz de abarcar “multidões de agentes animados” de maneira relacional e emaranhada em que os ambientes são compreendidos enquanto uma complexa ecologia dos seres orgânicos e abióticos (Van Doren et al., 2016). Acredito também ser necessário lembrar que o capitalismo, apesar de seus mais de cinco séculos, é demasiado pequeno perto da história do planeta. Como bem lembra Donna Haraway (2016), seria arrogante acreditar que os impactos sob a Terra são causados unicamente pelos seres humanos ou ainda pelos seus modos de produção. Mesmo considerando as mudanças pelo Antropoceno, principalmente no período da Grande Aceleração (pós Segunda Guerra Mundial), Haraway lembra que os organismos que mais alteraram nosso planeta foram as bactérias e seus parentes. Nesse sentido, é preciso romper com o excepcionalismo humano, com a crença de que o capitalismo é indestrutível e com a ideia de linearidade histórica e progresso. Como lembra Tsing (2021) é preciso compreender que muitos seres mais-que-humanos e não-humanos estão transformando o mundo ao mesmo tempo. Logo, precisamos atentar às cotemporalidades. Ademais, o ambiente, os biomas e os ecossistemas precisam ser olhados a partir de suas complexidades e agências. Para Jailson Rocha (2019, p.105), há a necessidade de romper com a visão de ambiente enquanto palco exclusivo das atuações humanas. Segundo o autor:

Pensar nos arranjos e engajamentos entre espécies significa superar não só o dualismo moderno-colonial que isola os elementos da Natureza da Cultura, mas reavaliar a própria noção de ambiente, já que “no giro multiespécie, a outridade não humana [o ambiente] é posta em cena não como um passivo ambiental estático, um pano de fundo cenográfico, mas como projetores de agência”.

Já Anahí González (2019) reforça que a relação entre precariedade (Butler, 2009) e de alianças multiespécie (Preciado, 2014) pode ser potencializadora na reinvenção de outros mundos. Para a



autora é fundamental que as alianças políticas sejam tecidas por grupos historicamente marginalizados em conjunto à outras espécies não-humanas. González nos convida, assim como Preciado, a nos lançar no tempo do impossível. Em relação à justiça multiespécie e à justiça climática, Petra Tschakert (2022) sugere que uma das formas de avançar nessas lutas é olhando para a relação de proximidade, empatia e responsabilidade para com outros humanos e não humanos, mas não só. Tschakert afirma que devemos nos comprometer de maneira ética com outros seres viventes, isso inclui de microrganismos a florestas.

Em uma das cenas finais, Kota Mino compartilha seu segredo com Zezinha e Matacedo. Ao redor da sua máquina de recuperar memórias estão presentes diversos tipos de plantas. Matacedo aproxima-se de uma planta e a contempla ao tocar sua folha, Kota Mino então pontua que “se alguma coisa falhar temos as plantas. Estas são as últimas da cidade” (*Ar Condicionado*, 2020, 46’:45” – 46’:50”). Antes que Matacedo e Zezinha levem o ar-condicionado do chefe, Kota Mino entrega a Matacedo duas sementes de Casuarina. Segundo estudo da EMBRAPA (Empresa de Pesquisa Brasileira Agropecuária), a Casuarina é uma espécie potente em processos de reflorestamento:

A casuarina tem um sistema radicular profundo, usado para controle da erosão e recuperação de solos degradados. Essa é também uma característica valiosa para a agrofloresta porque as árvores não competem fortemente com as produções adjacentes por nutrientes do solo ou água nas camadas de solo mais superficiais (Agroforestry Today, 1991 apud. Ferreira, 2004).

Casuarinas também foram introduzidas no processo de recuperação da Ilha da Ascensão localizada no meio do Atlântico entre Angola e Brasil. Um ambiente que já foi conhecido como “inferno do fogo apagado” e que até início do século XIX não possuía árvores, hoje é referência no processo de vivificação de ecossistemas. A “montanha verde” localizada no topo da colina é repleta de espécies não nativas, mas que de alguma forma adaptaram-se e entraram em conexão. Por fim, retornando a questão de como reunir os fragmentos do passado na construção de estratégias das urgências do presente, tanto o filme quanto os estudos multiespécie sugerem pensar que, para além das memórias de luta e resistência humana, precisamos atentar para os movimentos que as plantas tem realizado ao longo da história do planeta. Deveríamos atentar e aprender mais com as árvores como sugere Dias (2020, s/p):

Se aprendêssemos com as árvores a cuidar das emissões e disseminações saberíamos que algumas coisas precisam ser guardadas no corpo, como



mistérios cósmicos. Saberíamos que pensar, escrever, fotografar, filmar, pintar... é fazer corpo com o mundo e repetir o mundo sempre com diferença. No corpo a corpo com os reinos das águas, do ar e da terra, as árvores criam um corpo fractal em que não há uma só folha, um só galho, ramo, raiz ou flor que seja igual ao outro.

Para Dias, há a necessidade de se fazer árvore no pensamento e na ação. Isso inclui romper com os sistemas de monocultura do pensamento e transmissão de conhecimento, romper com uma lógica de vida baseada no consumismo e no descarte generalizado e preservar os devires que as florestas convocam. A pesquisadora é assertiva ao lembrar que são as árvores que constroem um gigantesco corpo interconectado e relacional com elementos como as águas, as terras e os ares. Talvez a nossa esperança, do verbo esperar, como nos ensina Paulo Freire (1992), ou seja, “juntar-se com outros para fazer de outro modo” resida justamente em fazer com as plantas, árvores e florestas.

Ar Condicionado é muito mais do que uma obra cinematográfica de ficção. O contato com a obra permite uma experiência única de visibilidade de tantos “transparentes” humanos, mais-que-humanos e não-humanos. Para além de um ambiente devastado pelo projeto colonial e capitalista, o filme mostra a potencialidade do cinema angolano independente e as possibilidades de transformação epistemológica, política e ética. Permite compreender a respiração como algo que todos os seres vivos compartilham, como “um direito fundamental à existência” (Mbembe, 2020, s/p). Dito isto, gostaria de acrescentar que, apesar desse direito ser constantemente violado, a perspectiva multiespécie possibilita pensar a criação de alternativas viáveis na consolidação de alianças plurais em torno de interesses comuns.

Em síntese, a intenção desse ensaio foi acentuar que em tempos de mudanças climáticas, expansão de fronteiras extrativistas e pandemia da Covid-19, a obra cinematográfica *Ar Condicionado* possibilita - para além de dar visibilidade aos “transparentes” humanos, como tantos Matacedos e Zezinhas - nos sensibilizar sobre outros “transparentes” mais-que-humanos e não humanos como o ar, o vento, sua relação com o mar, com Kianda. Possibilita olhar para as ruínas produzidas por um projeto colonialista e considerar a oportunidade de reunir fragmentos das memórias do povo angolano, que possam conectar saberes ancestrais e técnicas contemporâneas e nos indicar pistas para garantir a habilidade no Sistema-Terra.

Bibliografia



AR **CONDICIONADO**. Direção: Fradique (Mário Bastos). Produção: Jorge Cohen. Luanda: Produtora Geração 80, 2020, longa-metragem (72 min.) exibido em plataforma online MUBI: <https://mubi.com/films/air-conditioner>

ARTAXO, Paulo. Uma nova era geológica em nosso planeta: o Antropoceno? **Revista USP**, (103), p.13-24, 2014.

DAVIS, L.W.; GERTLER, P.J. Contribution o air conditioning adoption to future energy use under global warming. **PNAS**, v.112, n.19, p. 5962-5967, 2015.

DIAS, Susana. Uma árvore já é um rizoma: Antropoceno, clima e vida multiespécie. **Incomunidade**, out. 2021.

FERREIRA, M das G. R. **Potencialidades de utilização da Casuarina equisetifolia em reflorestamentos** / Maria das Graças Rodrigues Ferreira. - Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GERAÇÃO 80. **Press kit do Filme Ar Condicionado**. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1oyfUHbKe9ImfnMrKpflY5izFI248na6_/view

GONZÁLEZ, A. G. Deshacer la especie: hacia un antiespecismo en clave feminista Queer. **TEL Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 10, n. 2, p. 45-70, 2019.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, capitaloceno, plantationoceno, chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom**, ano, v. 3, p. 139-148, 2016.

IORIS, E. M. De ruínas e fragmentos: narrativas e reflexões indígenas na reconstrução do passado e das identidades étnicas. In: Ricardo Verdum; Edviges M Ioris (Org.). **Autodeterminação, autonomia territorial e acesso à justiça**: povos indígenas em movimento na América Latina. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia (ABA), pp. 229-251, 2017.

LAMBERT, Leandra. "O tempo do qual a terra nos olha": de refúgios, artes, narrativas etecnologias no mundo sublunar. **Revista Metamorfose**, vol. 4, nº 4, p.48-66, jun de 2020.

MBEMBE, Achille. **O direito universal à respiração**. n-1 edições, 2020.

MUNANGA, Kebengele. África: trinta anos de processo de independência. In: **Revista USP** - Dossiê Brasil/ África, São Paulo: Coordenadoria de Comunicação Social da USP, (18):100-11, jun./ago, 1993.



PEPETELA. **O desejo de Kianda**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PERSSON, Linn et al. Outside the safe operating space of the planetary boundary for novel entities. **Environmental science & technology**, v. 56, n. 3, p. 1510-1521, 2022.

RAGUSA, Antonio et al. Plasticenta: First evidence of microplastics in human placenta. **Environment International**, v. 146, p. 106274, 2021.

ROCHA, J. J. **Direito animal latinoamericano: uma experiência decolonial**. 2019. 431f. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

ROCKSTRÖM, Johan et al. A safe operating space for humanity. **nature**, v. 461, n. 7263, p. 472-475, 2009.

ROCKSTRÖM, Johan et al. Planetary boundaries: exploring the safe operating space for humanity. **Ecology and society**, v. 14, n. 2, 2009.

SASSEN, Saskia. **Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global**; tradução Angélica Freitas. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. 336p; 2016.

SECCO, C.L.T. Apocalipses e catástrofes: o lugar da distopia em narrativas contemporâneas da literatura e do cinema angolanos. **Gragoatá**, Niterói, v.26, n.55, p. 664-688, 2021.

SELKIRK, Diane. A ilha remota entre África e Brasil que tem lições para o meio ambiente. **BBC News Brasil**, 2020.

STEFFEN, Will et al. Planetary boundaries: Guiding human development on a changing planet. **Science** 347(6223), 2015.

TEIXEIRA, V. R. O Desejo de Kianda, de Pepetela: da emersão do mito aos desejos do povo. **Literartes**, [S. l.], v. 1, n. 9, p. 169-182, 2018.

TSCHAKERT, Petra. More-than-human solidarity and multispecies justice in the climate crisis. **Environmental Politics**, 31:2, 2022.

TSING, A. L. O antropoceno mais que humano. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 23, n. 1, p. 176-191, 2021.

VASCONCELOS, Yuri. Planeta plástico. **Revista pesquisa Fapesp**. Ed. 281, jul. 2019.



Revista ClimaCom, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

VAN DOOREN, Thom et al. Estudos multiespécies: cultivando artes de atenção. **ClimaCom**, v. 3, n. 7, p. 39-66, 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Ambient air pollution:** a global assessment of exposure and burden of disease. World Health Organization. 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION; EUROPEAN CENTRE FOR ENVIRONMENT. **WHO global air quality guidelines:** particulate matter (PM_{2.5} and PM₁₀), ozone, nitrogen dioxide, sulfur dioxide and carbon monoxide. World Health Organization, 2021.

Recebido em: 15/09/2022

Aceito em: 15/10/2022

[1] Mestranda em Antropologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Email: pri.theta@gmail.com